

Giordano Alves Costa

**A gravura e a Impressão sob olhares inusitados:
a sensibilidade do imperceptível e as ações das intempéries
nos processos gráficos contemporâneos**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção de título Mestre em Artes Visuais.

Orientador (a): Angela Raffin Pholmann

Banca examinadora:
Profa. Dra. Nádia Senna
Profa. Dra. Mirela Meira

Pelotas, 2017

“Devíamos, andando menos, percorrer menor distância, e talvez, no espírito imortal da aventura, nunca mais regressarmos”.

(THORREAU, 2003, p.4)

AGRADECIMENTOS

À Deus pela oportunidade da conquista

À professora orientadora Dr. Angela Raffin Pohlmann, pela atenção e compreensão durante minha trajetória investigativa, pelos valiosos conselhos e pelo virtuoso apoio em minha pesquisa em Artes Visuais.

Aos professores do Curso do programa de Pós Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

À professora Carolina Rochefort, pelo incentivo e dedicação, sendo uma referência viva de meu trabalho.

À minha família, pelo imprescindível incentivo, sendo ela de extrema importância em minha caminhada.

À CAPES, por ter possibilitado uma melhor desenvoltura desta pesquisa.

Ao amigo Luan Telles Melgarejo (Peninha) pelo incentivo incansável durante meu percurso de mestrando.

A todos que de alguma forma participaram ou presenciaram meu progresso durante minha pesquisa.

Sumário

1 Introdução	9
2 Poética dos materiais orgânicos e das intempéries	11
3 As transformações ocorridas através das ações climáticas nos processos de gravura e impressão.....	19
4 O contato como índice: percepções nos processos de gravura e impressão.....	25
5 Desenvolvimento da poética.....	32
6 A gravura e a impressão através das diferentes ações e a involuntariedade nos processos gráficos contemporâneos.....	46
7 Corpos sensíveis e imperceptíveis.....	60
8 Conclusão	66
Referências	67

Lista de imagens

Figura 1 Giordano Alves Costa - Rastros II Impressão em couro, 2010	12
Figura 2 Giordano Alves Costa – <i>Um Carro Animal</i> . Impressão em couro, 2010.....	13
Figura 3 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> . Preparação de têmpera ovo com carvão (utilização de lixa).....	14
Figura 4 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> . Preparação de têmpera ovo com carvão. (Adição de aglutinante)	15
Figura 5 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> . Aplicação de tempera ovo com carvão sobre papel vegetal A4, 2015.....	15
Figura 6 Giordano Alves. <i>Impregnações</i> . Suspensão do suporte em tintado em varal, 2015.	16
Figura 7 Giordano Alves. <i>Registros</i> , impregnação de sereno em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015.....	17
Figura 8 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> . Exposição do suporte entintado colocado horizontalmente no solo, 2015	18
Figura 9 <i>Sem Título</i> . Foto digital, pegada de vaca e de mão- pelada (guaxinim). Giordano Costa. 2017.	19
Figura 10 <i>Séries Intempéries</i> . Impregnação, de tempera ovo x ações, climáticas Trabalho exposto a intempérie por 12h e 24 h(sereno).....	22
Figura 11 <i>Séries Intempéries</i> . Impregnação, de tempera ovo x ações, climáticas Trabalho exposto à intempérie por 12h (esquerda) e 24 h (sereno) (direita)	22
Figura 12 <i>Séries Intempéries</i> . Impregnação, de tempera ovo x ações, climáticas Trabalho exposto à intempérie por 12h (esquerda).....	24
Figura 13 Giordano Alves. <i>Registros</i> , impregnação de sereno em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015.....	25
Figura 14 Ana Mendieta. <i>Siluetas</i> . 20 x 13 cm, 1976.....	31
Figura 15 Giordano Alves. <i>Cumprimento</i> . 2015.	32
Figura 16 Brígida Baltar. <i>A Coleta da Neblina</i> – 2001	34
Figura 17 Giordano Alves Impregnação de chuva em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015.....	37

Figura 18 Giordano Alves Impregnação de chuva em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015.....	38
Figura 19 Carlos Vergara. <i>Monotipias do Pantanal</i> . Monotipia sobre tela 100 x 290 cm. 1996/1997.....	39
Figura 20 Sítio Rupestre de Nova palmeira Brasil.....	42
Figura 21 <i>Impregnés</i> . Postal. Impregnação de intempérie sobre papel cartão, dimensões 10x 15 cm. Giordano Costa (Makannudo). 2015	47
Figura 22 <i>Impregnés</i> . Postal. Impregnação de intempérie sobre papel cartão, dimensões 10x 15 cm. Giordano Costa (Makannudo). 2015.	48
Figura 23 Pegadas de homínídeos. Laetoli, Tanzânia. Fossilizaram-se em cinzas vulcânicas. Fotografado em 1978 por Mary Laekey. Fonte: <i>A grande história da evolução: Na trilha dos nossos ancestrais</i>	54
Figura 24 Giordano Alves. <i>Marcas do Tempo</i> Fotografia digital, 2015.....	56
Figura 25 Imperceptibilidades. Marca de relógio no pulso ocasionado pelo sol. Fotografia digital. Giordano Costa.....	57
Figura 26 Série <i>Intempéries</i> . Impregnação de tempera ovo x corante alimentício sobre papel entintado. Trabalho exposto por 21 dias. Dimensões variáveis. Giordano Costa. 2017.....	58
Figura 27 Uma imagem de uma série “Started to rain, laid down, waited, left a dry shadow”. Haarlemrhout, Holanda, 29/08/1984. Fonte: FERREIRA. 2006.....	64

COSTA, Giordano Alves. **A gravura e a impressão sob olhares inusitados. A sensibilidade do imperceptível e as ações das intempéries nos processos gráficos contemporâneos.** 68 f. Dissertação. Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais: Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, RS

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa realizada em poéticas visuais, no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O texto apresenta meu processo criativo focado na impressão e na gravura contemporânea. Faço uso dos conceitos de contato, de rastro como fontes balizadoras para o desenvolvimento do processo. Também analiso as relações entre os procedimentos práticos que utilizam materiais orgânicos e na ação da intempérie (como o sereno e a chuva) para a realização das imagens. Questiono o que pode ser ampliado, a partir dos procedimentos adotados, nas investigações sobre gravura na arte contemporânea. O objetivo é alargar o pensamento e os procedimentos no que concerne às técnicas da gravura tradicional, cruzando-as, alterando-as e comparando-as com modos de impressão do atual contexto, absorvendo conhecimentos decorrentes das imagens obtidas. Como referenciais artísticos são abordados os trabalhos de Brígida Baltar e Carlos Vergara. Como referenciais teóricos utilizo, Georges Didi-Huberman, Carolina Rochefort, e Marco Buti. Novos modos de imprimir são propostos, usufruindo de materiais orgânicos que são indicados aos trabalhos, registrando a transferência no tempo, provocando situações que problematizam o fazer e o pensar da gravura. Impressões marcam o cotidiano e se efetivam nas matérias orgânicas pela ação do tempo tornando-se evidências visíveis de vivências submersas no universo do ainda desconhecido.

Palavras-chave: Impressão; Gravura; Contato; Intempérie; Rastro.

COSTA, Giordano Alves. **The engraving and printing in unusual looks. The sensitivity of the noticeable nowadays.** 68 f. Dissertation. Postgraduate Course in Visual Arts: Master . Federal University of Pelotas, Brazil

Abstract

This paper presents the initial results of the survey in visual poetics, the Master of Visual Arts of the Federal University of Pelotas, UFPel. The text presents my creative process focused on printing and contemporary engraving. I make use of track contact balizadoras concepts as sources for the development of the process. Also analyze the relationship between the practical procedures that use organic materials and action elements (such as the serene and rain) to carry out the images. Question which can be extended from the procedures used in the investigation of printmaking in contemporary art. I long to extend the thinking and procedures with respect to techniques of traditional engraving, crossing them, changing them and comparing them with print modes of the current context, absorbing knowledge enabled from the images obtained. As artistic references are addressed the works of Brigida Baltar and Carlos Vergara. As theoretical frameworks are used concepts of Georges Didi-Huberman, Carolina Rochefort, and Marco Buti. New modes of printing are proposed, taking advantage of organic materials that are shown to work, recording the transfer in time, causing situations that question doing and thinking the picture. Prints mark the everyday and become effective on organic matter by time becoming visible evidence of submerged experiences in the still unknown universe.

Keywords: Printing; Engraving; Body; Contact; Weathertight.

1 Introdução

Esta pesquisa apresenta a produção de trabalhos realizados entre 2015 e 2017 no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (PPGAV - UFPel) que iniciaram como experimentações que pudessem dar visibilidade às ideias de marcas, vestígios e rastros. Os trabalhos poéticos são acompanhados de reflexões acerca dos conceitos de impressão e gravura, levando em consideração as ideias geradoras dos trabalhos. Os trabalhos produzidos na intempérie, através de um processo criativo incomum, que deu origem a imagens impressas, com procedimentos inusitados que apresentam novas visualidades.

O autor Georges Didi-Huberman é um teórico cujas idéias ajudam-me a fundamentar esta investigação, no que diz respeito à marca e ao impresso. O autor descreve o conhecimento do homem sobre a impressão, mas sabemos que diferentes técnicas abordam reflexões que nos remetem numa exploração de processos que possam ampliar a gravura contemporânea. Estas reflexões também estão ancoradas nas ações de artistas como Carolina Rochefort, Marco Buti, Brígida Baltar e Carlos Vergara.

Os trabalhos são compostos de impressões realizadas em papel vegetal como suportes experimentais, através dos quais são obtidas as impregnações, o contato e os rastros, elementos de uma poética que geraram o título: *A gravura e a impressão sob olhares inusitados. A sensibilidade do imperceptível e as ações das intempéries nos processos gráficos contemporâneos.*

Meu principal objetivo é propor e pensar sobre as diversas formas de impressão que podem ser exploradas e percebidas em meio ao mundo que nos cerca. Dirijo-me às questões que permeiam a invisibilidade da gravura e da impressão.

Procuro, no decorrer deste trabalho, refletir sobre as impressões produzidas e recebidas durante os processos, instigando a novas absorções ou sentidos às matérias usadas. Também desejo que os materiais utilizados venham a ultrapassar sua funcionalidade convencional, e que possam ir além do que pode ser visto.

Com o intuito de complexificar os procedimentos técnicos pertinente à gravura convencional, analiso as diferentes possibilidades sugeridas e permitidas pelo suporte, ou matriz, como o papel exposto a intempéries na realização de um trabalho. Usufruo de recursos naturais, como pegadas ou rastros, o vento e a chuva, tendo, com isso, a natureza como agente protagonista nas investigações. Absorvo as inquietações sentidas nos processos de impressão e caminhos que possam sugerir novos percursos, instigadores de reflexões, conceitos e articulações de sentido.

Encontro-me então em um universo reflexivo, um cotidiano envolto e impregnado de impressões, mesmo que de forma imperceptível, nos simples contatos entre corpos, ou até mesmo no caminhar. Visualidades ganham ênfase durante o decorrer do processo criativo, como enrugamentos e texturas visíveis nas impressões obtidas que enriquecem a investigação instigando as reflexões permitidas durante as experimentações.

Com isso analiso as imagens produzidas, mergulhando nas impregnações que se constituem no suporte. No intuito de transpassar o comum, interrogo os processos de impressão e gravura. Como realizar um impresso que proporcione um eco, ou um desconforto (não contentar-se com a situação atual em que se depara, mas buscar sentir algo e refletir sobre) e também uma inspiração a quem estiver diante dos resultados destas experimentações?

O orvalho e também a geada, ao receber do calor do sol, ou do amanhecer do dia, mudam completamente seu estado e/ou forma, derretendo-se ou evaporando-se. O que aconteceria com este derretimento ou evaporação também proporcionaria uma possibilidade de encontros de corpos e assim gerariam impressões por intermédio de contato? Este percurso repleto de resignificações de sentidos, de provocações é que muitas vezes sobressaem-se as impregnações do olhar e do sentir.

2 Poética dos materiais orgânicos e das intempéries

Minha poética parte do uso de alguns materiais orgânicos e também da construção de imagens que busca o registro das intempéries. Acredito que se possa tratar de práticas que não se limitam a uma técnica, e sim possam explorar os materiais além de sua visualidade e materialidade.

Quando penso em processos gráficos lembro-me dos dias frios no campo, das noites chuvosas de inverno, nuvens cheias que escondiam o sol na pequena Arroio Grande. Nesta época minha infância era enriquecida com as mais diversas paisagens, muitas visualizadas ao galopar, sentindo a doce brisa balançar as crinas do pequeno Arisco, meu primeiro cavalo, um presente de meu pai.

A impressão e a gravura fazem-me voltar à infância, lembrar-me de momentos alegres, como andar a cavalo. Imagino as marcas das patas dos eqüinos, bovinos e de outros animais que transitavam campo afora ou em um mesmo trajeto, deixando assim de forma natural seus rastros.

Cavalgar, além de diversão, também era uma tarefa, já que morava na área rural, e por muitas vezes dependia dos animais para o sustento da família. Isto de certa forma impregnou-se em minha mente, tanto que, quando penso em gravura, logo relaciono a marca ao rastro e o que deles podemos refletir.

Nestes passeios pelo pampa gaúcho, observava mais que campos ou paisagens. Também estão presentes em minha memória as marcas ao solo, realizadas pelas pegadas das mais variadas formas, devido à diversidade de animais que trilhavam ao redor de minha residência.

Percebo a impressão em minha vida, no mundo que me rodeia, vários materiais são questionados em relação às disponibilidades, recepção, efemeridade e o que estes possam oferecer em relação à impressão e a gravura. Algumas das expressões artísticas podem ocorrer através dos sentimentos, expressadas naturalmente, quando se encontra algo (materiais ou corpos) que possa sugerir, despertar um momento intuitivo.

Forte nostalgia transita em meus pensamentos, a saudade de poder ter na proximidade de meus olhos os rastros, os vestígios, ou uma forma indescritível, sendo que estes vinham até mim sem mesmo procurá-los. Como o aroma das flores que impregna o ar, assim é o tempo em minha memória, a lembrança de outras datas, vivências, onde as reflexões que tenho hoje poderiam estar aos meus pés.

Bons tempos vividos outrora faz com que recorde de minha vivência artística, numa poética peculiar. Procuo usufruir dos materiais que possuo em meu redor. O mundo nos cerca de informações visuais, mas nem por isso conseguimos absorvê-lo totalmente, não basta olhar, se faz necessário observar onde a obra “parece ser mais do que a materialização de um pensamento de arte sobre um espaço cotidiano”. (BERNARDES, 2003, p. 79).

Desde a origem de minha criação artística sempre procurei usufruir daquilo que estava diante de mim. Minhas primeiras experimentações nos processos gráficos foram em couro, onde obtive marcas de alguns objetos do cotidiano de minha família. Segue as imagens a seguir, (Fig.s 01 e 02).



Figura 1 Giordano Alves Costa - Rastros II Impressão em couro, 2010



Figura 2 Giordano Alves Costa – *Um Carro Animal*. Impressão em couro, 2010

Com o passar do tempo percebi que as visualidades me provocavam além do que poderia contemplar ao simples olhar. Não já me provocava somente a marca no couro realizada com uma prensa prelo e sim tentar absorver da gravura e impressão das mais variadas maneiras que estas possam ocasionar absorver do mundo em que me encontro percebê-lo, registrá-lo e ao mesmo tempo interagir com ele.

Busco algo que possa ir além dos materiais ou suportes, além de suas visualidades e funcionalidade. Também neste trajeto observo os rastros e as diversidades visuais ocasionadas pelo movimento dos mais variados corpos ou vetores, como rastros e marcas originadas por ações naturais.

Cabe destacar que, no tocante às intempéries (supramencionadas), estas podem ser consideradas indispensáveis nesta poética. A natureza é rica em expressões que servem como estímulos aos nossos sentidos, e aqui se tornam essenciais como elementos que constituem a metodologia dos trabalhos realizados.

No intuito de expandir esta investigação, realizo experimentos com a produção de têmpera ovo e carvão sobre papel vegetal tamanho A4. Inicialmente carvão é lixado até se tornar em pó, fino e solto, antes de receber a gema, que além de ser um ótimo aglutinante também é escolhido para apoiar este processo por se tratar de um material que pode ser recolhido em minha residência, ou seja, também

faz parte de meu cotidiano. Quando anexada ao carvão tem por função ser aglutinante (Figs. 3 e 4).

Depois da homogeneização dos materiais, chega o momento em que a têmpera está pronta para entintar a superfície escolhida para fazer servir de suporte às imagens. Neste caso usa-se o papel vegetal gramatura 180g como suporte. Trata-se de um material de boa absorção e de completa transparência.

A têmpera-ovo é esparramada sobre o suporte até este estar completamente coberto. Com este processo o suporte poderá ganhar um aspecto enrugado, que desaparecem após a secagem da tempera. A têmpera é esparramada com o auxílio de um rolo de espuma (15 cm), de acordo com a figura 5.



Figura 3 Giordano Alves. *Procedimentos*. Preparação de têmpera ovo com carvão (utilização de lixa)



Figura 4 Giordano Alves. *Procedimentos*. Preparação de têmpera ovo com carvão. (Adição de aglutinante)

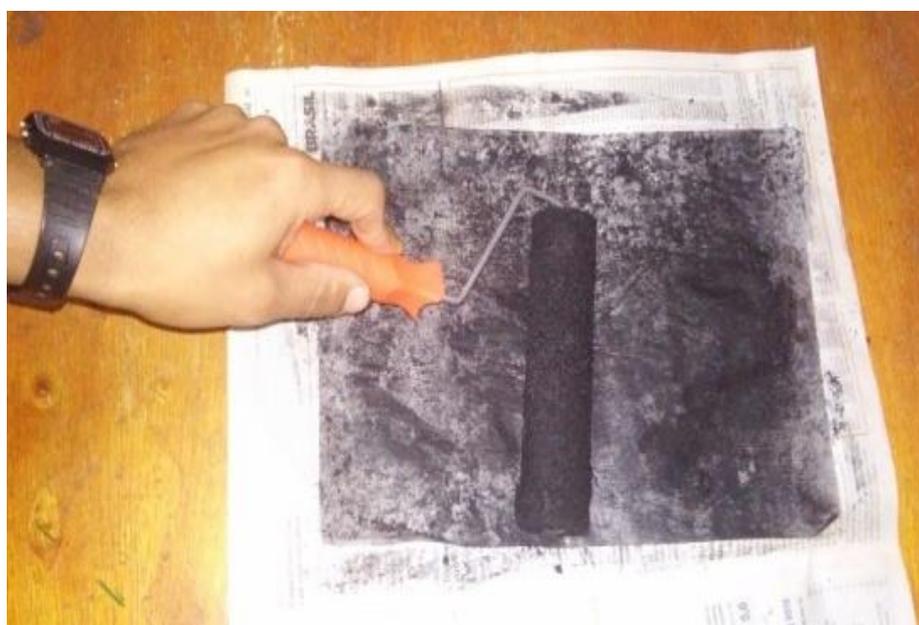


Figura 5 Giordano Alves. *Procedimentos*. Aplicação de têmpera ovo com carvão sobre papel vegetal A4, 2015.

Em alguns casos a coloração é variada após a secagem, podendo aderir tons de preto, cinza ou até mesmo marrom. Acredito que isto aconteça de acordo com as ações das intempéries, ou da temperatura ambiente. Também isso poderá ocorrer com maior intensidade se o papel vegetal for de uma gramatura inferior, ou se tratar de um papel mais fino.

Depois que o papel vegetal é entintado, este é suspenso em um varal por um período aproximado de 12h. Durante o transcurso da noite, para que possa desta maneira receber a ação da intempérie no processo ,(geralmente o orvalho) , fazendo com que o papel vegetal se torne um corpo possível de transformações.

Ao clarear do dia ou com a chegada do sol, o suporte se encontra totalmente seco, permitindo a visualização e a percepção de sua textura, coloração e demais aspectos nas obras realizadas pelo escorrer do sereno sobre o papel, estando este estendido na posição vertical (Fig. 6)



Figura 6 Giordano Alves. *Impregnações*. Suspensão do suporte em tintado em varal, 2015.

As imagens que emergem diante do processo criativo provocam a curiosidade sobre o imprimir e o gravar, pois as mesmas nunca são iguais, mesmo que o processo seja repetido. Assim, discuto sobre as aberturas conceituais que a gravura

nos possibilita e a diversidade técnica que dela floresça, pois acredito na idéia de que se possa imprimir algo que nos remeta além da técnica em si, de acordo com Helena Kanaan:

A gravura é um exercício técnico que pode ser levado além de regras químicas, no que ocorre o rigor dos números de gotas de ácidos, a exatidão das gramas necessárias das resinas, a distinção entre as recepções e as *cadências dos solventes. A técnica em sua complexidade severa pode ser desviada ao rizomático, nos facultando alterar pensamentos, ultrapassar camadas e adentrar novos campos relacionais. (KANAAN, 2009, p.307).

Abaixo, vemos uma imagem de um trabalho após a secagem, cujas marcas do escorrimento de gotículas de orvalho deixaram rastros sobre a matéria depositada sobre a superfície de papel. Percebem-se nitidamente os caminhos percorridos pelo corpo orvalho, idealizando trilhas e enfatizando uma textura ao mesmo tempo rústica e sutil (Fig. 5). Trata-se de imprevisibilidades, pois a visualização do resultado das ações climáticas não pode ser prevista de forma definitiva.



Figura 7 Giordano Alves. *Registros*, impregnação de sereno em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015.

Outro trabalho foi realizado com os mesmos procedimentos já citados, e também foi exposto ao sereno da noite. Entretanto, desta vez, a superfície de papel foi colocada no chão, diretamente ao gramado, horizontalmente, como se fosse uma extensão do mesmo.

A obra em si interage como o local agrega-se a ele, absorve diretamente a umidade da grama, permitindo uma troca, uma transferência entre o solo e o papel entintado (suporte). Neste trabalho o suporte não recebe somente as ações climáticas que caem sobre ele, mas também a umidade do solo (grama).

Ao modificar a posição do suporte, ocorrem algumas diferenças nos resultados da obra, após sua secagem, como manchas e texturas, ocasionadas pelo encontro do sereno com a têmpera ovo com carvão, que acontece em outra posição. Segue a imagem a seguir.



Figura 8 Giordano Alves. *Procedimentos*. Exposição do suporte entintado colocado horizontalmente no solo, 2015

3 As transformações ocorridas através das ações climáticas nos processos de gravura e impressão

Também, observo que a gravura e a impressão estão em nosso cotidiano, mesmo que para muitos seja através de reflexões ou vivências. Talvez estes pensamentos sejam substancialmente peculiares. Mas acredito que possam despertar maiores reflexões na busca de conhecimentos na arte, cooperando para atividades reflexivas que elevem o patamar sociocultural de nossa sociedade.

Gravar também é sentir o mundo, imprimir é poder absorver seu toque. Perceber o que o universo nos oferece. O ar nos envolve com sua tênue brisa. Onde existe uma impressão, existe uma ação, seja realizada por fatores climáticos (intempéries como chuva, raios, ventos), seja por fatores geológicos (degradação do solo e presença de rochas), ou por fatores biológicos (ação de seres vivos).

A seguir, trago marcas oriundas de animais, através de uma imagem de pegadas, (vaca e mão pelada), encontradas nas proximidades de minha residência, no interior do município de Arroio Grande (Fig.9)



Figura 9 *Sem Título*. Foto digital, pegada de vaca e de mão- pelada (guaxinim). Giordano Costa. 2017.

Acredito que o imprimir não se restringe ao olhar (visualidade) e limita-se ao que conhecemos. E está tão imerso em nosso cotidiano que talvez por este motivo nem seja notado com maior clareza

Às vezes encontro-me analisando sobre o que e onde imprimir, quais as superfícies capazes de incitar-me a novos caminhos, que apóiem minha investigação. Imagens batem ao vento, a chuva provoca o som que se desfaz em um instante, tempo suficiente para que o seu toque torne complexo um momento, em que a natureza faz sua parte e a mente procura o que se sente, mas não se pode apalpar.

Faz-se necessário ver e perceber, compreender o ambiente em que se está agregado, impregnado, envolto. Interagir com o meio em que se vive pode ser a chave para uma janela desconhecida, inexplorada ou simplesmente ignorada, aparentemente incognoscível.

Diferentes caminhos podem ser trilhados em busca de conceitos e práticas artísticas ou de ações gráficas na arte contemporânea, que nos permitam explorar o do que há de mais simples até o maior nível de complexidade. Faz-se necessário abraçar os questionamentos, o desconhecido, o inesperado.

Busco pelo desafio de trilhar por caminhos que possam levar-me a qualquer lugar. Neste pensamento, onde procuro na quietude das palavras a incitação a questionamentos. Deparo-me com a idéia da construção de um determinado espaço, a partir da relação que tenho com este, uma reconstrução do olhar que exterioriza a expressividade de meu ser interior.

No decorrer deste trabalho tenho me debruçado sobre as marcas e texturas originadas a partir das intervenções das intempéries, de modo a analisar as ações do vento, da poeira, da chuva e do orvalho, tentando perceber e o que deles poderia ser impregnado ao suporte.

Nestes últimos trabalhos também procuro absorver as atuações do sol. Observo o que acontece com os trabalhos que ficam expostos ao calor, também com o auxílio da umidade do ar e das demais ações naturais, procuro observar que pode ocorrer durante os processos criativos. É notório o desgaste natural da

coloração e enfraquecimento de sua textura, independente da cor do pigmento utilizado na prática deste trabalho. Isso ocorre obviamente pelo forte calor que recai sobre o suporte entintado.

Escolho os mesmos suportes e a mesma pigmentação na realização dos trabalhos, com o intuito de analisar a diversidade de mutações que estes poderiam sofrer durante a realização do processo criativo, dependendo do período em que cada um destes estiver ao relento.

O trabalho que ficou exposto à noite sem receber o sol sofreria uma diferente intervenção climática do que o que ficou exposto por 24h ou mais. Levando em consideração as ações do tempo sobre o suporte, naturalmente que o desgaste climático afeta em maior ênfase o trabalho que se mantiver por maior tempo em contato com a intempérie. Os períodos que os trabalhos ficaram expostos de acordo com cada estação do ano, me fazem refletir sobre as melhores épocas para que o processo criativo possa ser desenvolvido com melhores resultados.

As intervenções no suporte serão diferenciadas a cada período do ano, no caso do inverno há possibilidade da impregnação do gelo, (geada), também a secagem se torna mais lenta (baixa temperatura), na primavera e outono possivelmente sejam estações mais ventosas, permitindo talvez, com isso, que fragmentos sejam agregados aos trabalhos com maior facilidade.

Também o sacudir do papel pode interferir no escorrimento e na secagem do mesmo, na impregnação das ações climáticas onde o sol e as altas temperaturas secam de maneira mais rápida a superfície entintada. Seguem abaixo as imagens (Fig.08 e 09) de dois trabalhos realizados simultaneamente, porém, um é exposto por um período de 12h e o outro por 24h.



Figura 10 *Séries Intempéries*. Impregnação, de tempera ovo x ações, climáticas Trabalho exposto a intempérie por 12h e 24 h(sereno)



Figura 11 *Séries Intempéries*. Impregnação, de tempera ovo x ações, climáticas Trabalho exposto à intempérie por 12h (esquerda) e 24 h (sereno) (direita)

Esta pesquisa também se trata de um período de análises, também sobre a efemeridade dos materiais abordados. Mesmo que esta não seja uma obrigatoriedade nas prioridades desta investigação, o fato é que não se pode desconsiderar a durabilidade ou não das obras obtidas através dos métodos artísticos até aqui abordados, já que nesta poética são envolvidos materiais orgânicos que sofrem ações climáticas dos mais diferentes modos.

Até mesmo os dias e a luminosidade do sol ou a variação da duração da noite poderão ser cuidadosamente analisadas no que estas interferem com os resultados obtidos nos processos criativos realizados, e também como análise conceituais sobre a gravura e a impressão originados através do contato dos corpos.

Considero corpos (a matéria, a substância, tudo que ocupa lugar no espaço, sólido, líquido e gasoso, intempéries (chuva, umidade, sereno, vento, poeira) e o suporte, sendo também o fruto de investigação o que ocorre através dos contatos dos mesmos.

Analiso também os fragmentos obtidos nas obras, como possíveis vestígios de animais, tais como mosquitos, moscas e outros animais (e seus respectivos depósitos, como teias, fezes, sangue, etc.) que porventura deixem seus rastros durante o período em que os materiais estiveram expostos. Na imagem a seguir (Fig.12) se pode perceber a presença de um inseto agregado ao papel entintado. Para sua visualização utilizei uma lupa para poder registrar fotograficamente vestígios impregnados aos trabalhos.



Figura 12 *Séries Intempéries*. Impregnação, de tempera ovo x ações, climáticas Trabalho exposto à intempérie por 12h (esquerda).

4 O contato como índice: percepções nos processos de gravura e impressão

Ao refletir sobre o contato ou pelo encontro entre dois corpos, onde se permite a possibilidade do imprimir e das ações envolvidas neste processo, vem à memória que a impressão faz parte, está impregnada na existência humana, em seus deslocamentos, trajetos (percursos) diários, mesmo que involuntariamente.

As marcas geram linhas, manchas, texturas, o duplo em novas formas, novos diálogos e conceitos, que permitem ao espectador navegar nas informações visuais inseridas na obra, em que permitam a impressão e o registro. Em seguida obtemos outro trabalho que é resultante do processo demonstrado anteriormente, conforme Fig. 13.



Figura 13 Giordano Alves. *Registros*, impregnação de sereno em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015

Produzir uma marca requer um gesto, uma ação, uma disponibilidade, um momento perspicaz (único), um olhar transformador, absorvendo as informações reveladas através destes gestos. Ato criativo que se manifesta pelo gesto do participante, marca, em sua imprevisão e risco, uma trajetória particular de desafios e decisões (ROCHEFORT, 2010, p.107).

No que diz respeito às marcas encontradas, como já referidas anteriormente, as impressões expressam semelhança nas formas, são rastros, vestígios e presenças deixadas pelo processo de impressão. Visualiza-se o que já não está mais presente.

O registro deixado por corpos ou seres orgânicos faz com que o artista navegue em sua mente, investigando as possibilidades que não estão presentes, vislumbrando um acontecimento pretérito. Parte da matéria se encontra ali, seus vestígios, impregnando sua textura através do contato entre dois corpos ou superfícies, algumas rebuscadas por sensações táteis. Diante disso, Angela Pohlmann discorre sobre os processos de imprimir e gravar ou alguns gestos comuns, possíveis impressores como a pegada:

[...] Aparentemente inseparáveis e correlatos, os processos de gravar e imprimir, em realidade, são independentes. Fernando Cochiarelli traz como exemplo a pegada do homem na lua, em que não há a preparação de uma matriz nos moldes convencionais, mas há traços que evocam os eventos ocorridos no tempo, através dos vestígios deixados pelas impressões no solo lunar [...] (POHLMANN, 2009, p. 08).

A impressão provoca o olhar e a sua percepção, a imagem e seu significado, instiga-nos a entendimentos inusitados devido a sua existência metamórfica, capaz de despertar sensações inusitadas, pensamentos, possibilidades e sugestões, outros caminhos. O imprimir não se limita ao ato ou às experimentações.

O caminhar já não é mais somente uma locomoção, um movimento e um simples aperto de mão podem significar muito mais que um cumprimento. Também é uma afirmação (aceitação), uma transferência pelo contato, de sentimentos, vestígios, fragmentos de pele e/ou oleosidade (corpos).

Quando penso no contato, nesta interferência que ocorre por intermédio do tato, ou seja uma colisão ou um toque entre dois corpos, sendo este também um

agente protagonista em minha poética, reflito sobre as possibilidades de criações nos processos gráficos, neste caso a gravura e a impressão. Tendo este adquirido ênfase nesta investigação, onde se permite uma troca, fragmentos e vestígios podem ser interligados aos corpos, sendo que este choque, toque, entre os corpos podem originar uma impressão. Tocar é sentir o outro, é se permitir um encontro. Segundo Carolina Rochefort:

O contato é a troca das superfícies. Imprimir é transferir, é trocar, é tocar. É sentir a presença de percepções mínimas, a materialidade do corpo pelo toque de uma superfície com a outra, é possível reconhecer a inscrição contida no corpo matriz. (ROCHEFORT, 2010, p.39)

As obras originadas através do contato potencializam curiosidades e instigam a busca por novos métodos. Com base nas declarações acima, as impressões podem ser originadas tanto em materiais rígidos, maleáveis ou efêmeros, ou seja, acredito que a impressão possa ocorrer em qualquer material que possibilite uma transferência, uma troca de informações, fragmentos ou vestígios de um corpo para outro.

Como nos primeiros passos de uma criança, na sua busca pelas palavras e na simplicidade de seus atos, assim a gravura e a impressão se expandem, propagam-se de forma natural em diversas ações humanas. São ações espontâneas e muitas delas se tornam imperceptíveis.

Através de atos comuns (simples), como um choque entre corpos, toque estando uma das superfícies umedecidas, ou no caso de seres vivos, o transpirar da pele, destas podem ser originados índices. Basta um olhar aguçado e perspicaz para que se capture um registro, uma impressão.

Aspiro a visualidades que possam revelar muito mais que uma imagem; desejo, também, um transbordar de um imperceptível, mas contagiante, inovador, instigante, inusitado ao olhar humano. Pesquisador, ansioso por aberturas que possibilitem situações criadoras, de momentos inexauríveis em relação à arte e à gravura contemporânea.

Busco o inusitado, no desafio de trilhar por caminhos que possam levar-me a qualquer lugar. Neste pensamento, procuro na quietude das palavras a incitação a

questionamentos. Deparo-me com a idéia de uma construção ideológica de um determinado espaço, a partir da relação que tenho com este, uma reconstrução do olhar que exterioriza a expressividade de meu ser interior.

O sereno, a umidade do ar, a chuva e o vento são elementos importantes para o desenvolvimento deste trabalho, apoiando nas reflexões e análises de conceitos em relação à gravura e a impressão na arte contemporânea. Segundo Carolina Rochefort:

Cada impressão é uma surpresa, não se sabe ao certo o que vai acontecer. Cada acontecimento suscita uma experiência singular; cada acontecimento quando há mistura, nos oferece transformações. Então experiência tem a ver com existência. Logo, se ela é algo que não acontece, mas sim nos acontece, duas pessoas envolvidas num acontecimento terão experiências diferentes, compõem relações, entrelaçamentos e conseqüentemente, impressões distintas. (ROCHEFORT, 2010, p.97).

Um gesto pode ocasionar uma impressão, quando estamos atentos e perceptivos às surpresas que as visualidades dos materiais venham a nos oferecer. As texturas, as sensações visuais e o que mais poderá ser absorvido através do olhar, numa reflexão criativa em que se tenta capturar o que não é visível ao olhar comum.

Quando se quer imprimir, busca-se o novo, um diferencial, algo que venha provocar, instigar nossos conhecimentos, referenciais e metodologias abordadas até aqui. Pensa-se em impressão como uma reflexão no universo da arte, um acontecimento, um gesto propositor de conceitos, nas mais diversas possibilidades de criação.

Toda impressão é atravessada por um acontecimento, uma ação, intencionalmente ou não, com variáveis formas de interatividade, entre a observação e a prática, pode ser realizada, vista, sentida ou enfatizada por diferentes modos e interações.

Quando me deparo com o processo criativo, se permite analisar as experimentações como dispositivos de informações, de articulações de sentido, instigadores de reflexões, em que sugerem novas sensibilidades ao pensar, ao olhar ou sentir o suporte além de sua materialidade.

Para imprimir é preciso estar atento, conectado com o mundo, poder ver algo antes mesmo deste existir, é encontrar o que não estava perdido, mas despercebido. Estando impregnado ao processo, é como mergulhar num mar desconhecido, em que não se conhece o território, nem o que se irá encontrar ao fundo, mas sabe-se que as possibilidades são inúmeras.

Com este trabalho é possível analisar também a invisibilidade da impressão, ou seja, percebê-la além de sua visualidade ou forma, acredito que uma impressão pode dar-se ao toque. Sendo assim, este sujeita a acontecer a qualquer momento, em qualquer espaço, sujeita a qualquer corpo, por intermédio de um deslocamento de um ser sobre outro, ou um trajeto, alcançando assim um olhar minucioso que possa ser atravessado pelos indícios de determinadas ações.

A impressão permite uma transcendência analítica sobre o mecanismo ou os registros oriundos de modos não dependentes da ação humana. Navegando por estes encontros, pode-se analisar a impressão no que diz respeito ao trajeto ou deslocamento do que existe.

O vento, a névoa e a chuva são elementos naturais que transitam sobre o mundo deixando suas marcas. Como a queda da chuva ou contato do vento, de variadas formas, podendo carregar consigo fragmentos de corpos ou os próprios a se encontrarem.

São olhares perspicazes, em busca do que aparentemente é transparente, como o vento, ou rude como uma rocha, que pode provocar o observador. Refletindo sobre a gravura de forma inusitada, pode-se perceber que muitos materiais aparentemente supérfluos e sem vínculos artísticos poderão ser observados como possíveis impressores. Já não se faz necessariamente obrigatório o uso dos materiais convencionais da gravura.

Ao se vislumbrar a arte contemporânea por intermédio de uma óptica panorâmica, e tendo por base a multifatorialidade de tudo aquilo que cerca o ser humano, sugere-se que a inter-relação obra artístico-evento meteorológico/climático é algo a ser bem explorado. Nesse sentido, as intempéries são visualizadas como fatores que influem, sobremaneira, nas percepções artísticas em relação à impressão e à gravura contemporâneas.

Neste momento enfatizo a seguinte indagação “como criar alguma forma de maneira singular, repleta de informações ruidosas, instigantes e estranhas?” (POHLMANN, 2005, p.105). Este questionamento nos instiga a percorrer pelo caminho do desconhecido, não explorado ou despercebido.

Assim pode-se propor a pensar que a impressão pode estar em qualquer lugar. Se a impressão se dá por intermédio do contato entre os corpos, ela não estaria presente em tudo o que existe, tanto orgânico como de produção humana?

Imagens emergem de percursos corriqueiros ao nosso olhar, reiterados, porém possíveis formuladores de sentidos, em que se permite contemplar o corpo com que se depara em um atravessamento que vai além de sua materialidade. Sendo assim, segue-se o pensamento de Angela Pohlmann:

O artista-gravador se dedica a uma série de matérias-primas que lhe demandam um extenso conhecimento e uma imensa variedade de possibilidades técnicas. Trabalha-se com bases tradicionais como madeiras (xilogravura); metais (gravura em metal); pedras calcárias (litografia), ou telas serigráficas (serigrafia) compondo as matrizes que serão utilizadas para realização da imagem gravada e posteriormente impressa nas gravuras (ou estampas). [...] Entretanto, de nada serve a técnica se dentro dela não estiver uma alternativa que possa adequar-se à poética daquele que a idealizou. Fonte de inesgotáveis tecituras, densidades e texturas, vêem, na obra, reverberar o pensamento e as formas que a constituem e que a determinam. (POHLMANN, 2008, p. 5)

Reflico sobre a impressão nas superfícies e corpos diversos, no que tange aos processos de onde, como e quando se poderia dar a impressão. Terra e universo são, respectivamente, corpo e possibilidade diante da criação que se tem em potencial. É a partir de então que analiso a obra da artista Ana Mendieta, a qual usa o espaço em que está inserida juntamente com seu próprio corpo, fazendo a artista parte do processo e conseqüentemente da obra, como demonstra a imagem abaixo:



Figura 14 Ana Mendieta. *Silueta*. 20 x 13 cm, 1976

A artista Ana Mendieta, em que a mesma dispõe da realização de impressões utilizando elementos da natureza juntamente com o seu corpo na realização de seus trabalhos. A mesma usufrui da terra, água, sangue, usa o próprio corpo para produzir marcas, incisões, são ações não comuns que dispensam a obrigatoriedade de um ateliê de gravura.

Também utilizo a água em meu trabalho, com a água em forma de chuva, a terra com o auxílio do carvão para a produção da tempera ovo, da onde há uma preparação dos materiais para receberem as ações climáticas. Mas o que seria a chuva além deste corpo em forma de água, o que seria a terra além de um material que se diversifica e permite que se produzam outros materiais?

5 Desenvolvimento da poética

A marca e o registro podem ser processados, tanto prática quanto teoricamente, nas suas repercussões no que condiz a gravura e a impressão. Novos olhares são como molas propulsoras, instigadoras de novas percepções. Mas não basta olhar e observar sem ver e perceber, ou sem penetrar no avesso, do corpo presenciado. Na próxima imagem retomo o questionamento sobre o toque (contato ou encontro) entre os corpos e o que dele poderá surgir:



Figura 15 Giordano Alves. *Cumprimento*. 2015.

Um simples cumprimento poderá ocasionar uma impressão? Na pressão exercida pelo contato das mãos, se permite pensar nas transferências e impregnações delas, como fragmentos de pele, o suor e a oleosidade. Questões como essa promovem uma sede inexaurível, em busca por resultados e experimentos ainda não atingidos. Que as impressões desta pesquisa possam criar

situações que possibilitem novas aberturas, outros vieses, desdobramentos que transmutem um momento em uma viagem infinita.

O presente trabalho também se trata de uma busca pelo que ainda não se tem ou ainda não alcançado, mas se deseja, sente-se. Sentir também é estar pronto para receber o outro, o inesperado, o desconhecido, mas que nem por isso deixa de ser corpo, existente.

É necessário observar a obra como agente reflexivo, de comunicação, expressão, como espelho e instigador de reflexões. Reconstruir o olhar através do gesto, da prática e da poética. Buscando no que já conhecemos uma nova visão, novas percepções que contribuam para o desenvolvimento desta investigação, e sobre os conceitos de gravura e impressão até aqui abordados.

Visualizo os trabalhos também como ferramenta no processo, um dispositivo em que se poderá a partir dele reconstruir significados, articular sentidos e emoções condizentes com a presença do mesmo, que venha com sua visualização provocar questionamentos sobre o que se dispõe diante dos olhos. Quando se depara com algo inusitado, é corriqueiro perceber em primeiro momento os detalhes, as nuances e insinuações, o que o trabalho sugere com seu aspecto, materialidade e forma. A aderência de informações muitas vezes depende do nível de repertório do observador.

Analiso o que se possa absorver do trabalho, diante de uma troca, ou até mesmo de um despertar, um choque cultural. Espero que as materialidades aqui abordadas possam independentemente do nível cultural do espectador, levá-lo além daquilo que ele possa esperar de uma reflexão artística.

Brígida Baltar explora em sua poética a absorção das materialidades efêmeras, em uma visualidade penetrante, como na coleta das intempéries, no projeto *Umidades*, entre 1994 e 2001. Brígida possui uma riqueza peculiar, instigadora, e em seus conceitos sobre arte. Durante o seu processo criativo, a artista permite-se ser impactada, afetada, envolta com um procedimento que ocasiona um atravessamento, sendo que a mesma se encontra como parte do processo. Não se trata apenas de uma coleta e sim de uma absorção do mundo que

a cerca, de um pensamento peculiar, mas que toca o coletivo, que nos faz analisar novas possibilidades de observações e reflexões.

A artista está absorta, impregnada com a obra. Coletando também o diálogo com o espaço em que se encontra, permitindo sentir das mais inusitadas sensações. Brígida, em sua coleta da neblina, expõe-se ao tempo, à intempérie, ao toque, à atualidade permitida pelo cair da neblina sobre seu corpo, sugere o efêmero, o que está posto como recipiente anexo também aos suportes de coleta.

Baltar traz um diálogo entre corpo e visualidade sobre a matéria, obtendo uma nova relação com a arte contemporânea, através das materialidades exploradas por ela. É um processo em que a artista carrega consigo parte do mundo imaterial, ou visível e não palpável anexo em seu corpo.

Brígida Baltar remete ao sensível, ao imperceptível, ao efêmero, permite abordagem de uma mutação, transformação, ou ao que mais estes termos possam sugerir. Um corpo que recebe (coleta) outro diante deste processo, (Fig. 14).



Figura 16 Brígida Baltar. *A Coleta da Neblina* – 2001

Com a proposta de Brígida Baltar, pode-se questionar a materialidade usada nos procedimentos artísticos, sendo possível o uso de orgânicos e intempéries, de modo que a mesma despreocupa-se com a visibilidade da obra, mas sim proporciona um novo olhar sobre o que é cotidiano. De forma a clarificar este pensamento, proponho a seguinte passagem:

Brígida Baltar parece questionar ou criticar a velocidade da sociedade, a balbúrdia, o ruído sem fim, o querer ter e acumular, através do ato elementar de coletar, mas coletar aquilo que é intocável, impalpável, inapreensível e impagável. Curiosamente, essas manifestações suaves e silenciosas fizeram explodir o reconhecimento pela sua arte no meio artístico. (ROLIM, 2008, p.179).

Sendo assim, é possível refletir sobre alguns questionamentos pertinentes à arte contemporânea: onde, como e quando se pode produzir arte? De forma que o universo nos permite usufruir as mais simples, mas não menos rebuscadas coisas, elementos que possam compor um campo artístico ainda não esmiuçado. Poderão se originar processos ímpares, mas como atingir o sensível do olhar que permuta a passagem do real, não como simples representação de algo que não percebemos?

Observando as obras de Brígida Baltar, vejo similaridade com meus trabalhos, sendo que também usufruo de uma coleta de informações, de espaço, de corpos, através da queda do sereno ou chuva sobre o suporte. Até então Brígida era uma artista desconhecida em meu convívio artístico, e, vendo o que dela posso obter como referência, acredito que minha investigação poderá ser enriquecida, mesmo sendo ambos de formas peculiares e distintas. Baltar remete a questões do corpo, do abrigo e do cotidiano.

Para gravar é necessário ser perspicaz, quando se grava não se exploram certezas, a dúvida apóia o processo, sendo que nunca se sabe com plena convicção o que irá resultar de uma gravura ou impressão, pois durante o processo surgem questionamentos, pensamentos, inovações, incertezas sobre a visualidade que ainda está por vir. Nesta linha de pensamento Marco Buti introduz: “Gravura é um processo vivo, cuja conseqüência mais digna é a própria obra” (BUTI, 1996, p. 107).

No entanto, pode-se pensar que não só a obra faz parte do processo, mas o inverso também pode ser considerado, obtendo mais do que uma forma, mas

visualidades e conceitos. O procedimento, ou o gesto, quando percebido, me remete a um universo a ser descoberto, por intermédio da ação, do momento oportuno, talvez único, possuidor de um potencial criativo e instigador, peculiar. Mesmo que seja contemplada por diferentes pessoas, a subjetividade do artista diante de seu repertório artístico sugere irmos muito além do entendimento comum.

A gravura ganha ênfase entre os gêneros artísticos, alguns elementos sugerem algo que faz parte da obra, mesmo não estando presentes. Permite-se analisar o processo como parte da obra, onde o inusitado ganha espaço, alimentando a sede do traço, da marca e do rastro, sendo estes agentes atravessadores de subjetividades entre espectador e obra. Articuladores de gestos, sensações e sentimentos proporcionados através da presença/ausência dos mesmos.

Gravar é mais que fazer um registro, uma marca ou uma reprodução; também é estar absorto à sensibilidade, à captura de entrelaçamento de espaços, entendimentos e momentos únicos. Toda gravura é testemunho de uma força, toda gravura é um devaneio da vontade, uma impaciência da vontade construtiva. (BACHELARD, 1991).

Com este pensamento, o artista gravador já não necessita obrigatoriamente de um atelier, e sim de uma oportunidade de impregnar-se no mundo e suas utopias, de acordo com as possibilidades que as vivências oferecem, extrapolando limites. Na gravura e na impressão há passeios por diversas possibilidades de itinerários. Segundo Buti “O atelier do artista torna-se uma extensão de sua mente e de seu corpo” (BUTI, 1996, p. 110).

Contudo, no que diz respeito à gravura, percebe-se que ao longo do tempo, ou dos períodos e movimentos artísticos, sempre houve uma carência de detalhes acerca da mesma no decorrer da história da arte. Provavelmente esse seja um dos motivos para a gravura não ganhar maiores repercussões, esclarecimentos e entendimentos na arte contemporânea (BUTI, 1996).

Alternativas diversas enriquecem os trabalhos investigativos sobre gravura e impressão, onde se permite a desmaterialização de corpos, transformados e efêmeros, buscando o inusitado, sentindo o que não se vê como o vento. Porém,

sensações e impregnações através do processo artístico com o uso de materiais orgânicos e intempéries, poderão ser capturadas por ações naturais.

Brígida Baltar coleciona o que não é palpável, mas, como já discorrido acima, os trabalhos vão além de sua materialidade, onde corpo e espaço interagem através do gesto. Brígida é o próprio recipiente, é corpo, espaço, obra. Uma união de elementos e possibilidades a serem exploradas. Explora desdobramentos sobre questões visíveis, cotidianas, sensíveis. Diante dessa idéia reflito sobre o excerto a seguir:

Brígida aparece e some como um devaneio. Seu contato com o ambiente natural se dá de forma direta, uma vez que a artista, assim como em outros trabalhos, coloca-se como parte integrante do ambiente e personagem ativa dessa ficção. (BIANCHI, 2012, p.42)

Como Brígida, sinto nesta passagem de um momento para outro, ansiedade pelo contato dos corpos, mesmo que de forma visual, onde sensações provocam o olhar. Realizo um experimento desta vez com têmpera ovo anexada a pigmentos naturais, sobre papel vegetal, exposto à chuva. Demonstração do trabalho conforme imagens abaixo:



Figura 17 Giordano Alves Impregnação de chuva em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015



Figura 18 Giordano Alves Impregnação de chuva em papel entintado, 21,5 x 29,7 cm, 2015.

O trabalho o qual tenho realizado durante esta investigação obtém também aspectos de monotipia, por não ser possível o múltiplo, o igual, a reprodução em série, mesmo que os procedimentos sejam iguais os trabalhos são resultantes de encontros únicos. Cada obra tem o seu diálogo com o ambiente em que está inserida. As obras não se repetem, mas variam de acordo com o clima em que se encontra exposto.

Os acontecimentos naturais também possuem sua responsabilidade nos resultados obtidos. Impregnações e deferências cooperam com a visualidade e questionamentos sobre o trabalho, como quais são os fatores determinantes da coloração e textura, manchas no suporte.

Acredito que o vento, a chuva sejam fatores de ações naturais cooperadoras para que o corpo exposto a intempérie sofra transformações em seu aspecto original. Podem explicar sobre elementos que permitem ser instigados como protagonistas nos processos de impressão e gravura. Eles deixam rastros através do contato, fatores já relatados anteriormente como agentes pertinentes a esta

pesquisa. São demonstrações de espaço ou lugar, registros e capturas peculiares e momentâneas.

Nesta parte da investigação vem-me à memória o artista Carlos Vergara, com sua produção instigante em um processo que possui apoio de agentes naturais e animais. Rastros e manchas também dialogam com o processo deste artista, que usa o solo, pigmentos naturais e rastros de animais que transitam sobre lonas e telas, como na série *Monotipias do Pantanal*:



Figura 19 Carlos Vergara. *Monotipias do Pantanal*. Monotipia sobre tela 100 x 290 cm. 1996/1997

Os trabalhos nunca se repetem, pois isto não depende do artista, e sim dos vários fatores que complementam o processo, como o gesto incalculado, da sobreposição de corpos e de seus transitares. “Nesses trabalhos habitam os indícios que evocam a presença de vestígios ou marcas de ausências que revelam transformações e metamorfoses de um corpo original” (BLAUTH, 2005, p.32).

As gravuras e impressões obtidas durante os experimentos resultam em uma diversidade de imagens sugestivas, curiosas e comprometedoras de um

atravessamento, momentâneo ou memorial, que intriga o olhar atento e perspicaz. É necessário sentir com o que se depara e absorver de suas proposições, onde não se prioriza a técnica, como pode ser rotineiro nos processos gráficos conhecidos.

Realizo ações que possam mergulhar em conceitos sensoriais, produtivos, que nos levem a um pensamento interior, uma visão ampla e penetrante, como se estivéssemos visualizando o avesso daquilo com que nos deparamos. Segundo Buti, “existe um esforço mental constante para visualizar o que ainda não existe fazer cada signo gravado corresponder às necessidades construtivas da imagem impressa” (BUTI, 1996, p.108).

Sendo a matriz algo que possa me levar a uma gama de possibilidades nos processos de gravura e impressão, mas que pode se tornar uma matriz? Penso que a matriz pode ser qualquer corpo passivo de contato, transferência, encontros.

Diante de tais pensamentos, reflito, onde estaria a matriz em um processo inusitado, em que nem sempre se usa o peso ou a tinta como processo básico? No caso dos meus trabalhos são modificados através do tempo (período) e também por ações climáticas, como já mencionado, o sereno, a chuva e até mesmo o vento e o que com ele estiver, como a poeira Segundo Carolina Rochefort (2010), “a matriz, que é pensada como corpo e espessura, um corpo em construção”. Carolina Rochefort também relata:

Porém, matriz modifica sua forma com o transcorrer do tempo, é articulada nos contatos, forma e contra-forma, corpo matriz e corpo impressão, o qual pode produzir outras contra-formas, as outras superfícies, a outros corpos. Difícil tarefa de separar os corpos, pois eles se misturam em formação. (ROCHEFORT, 2010, p.66)

Corpos podem absorver índices adquiridos pelo contato, gerando uma captura de um corpo para outro e permite uma presença/ausência gerada pelo encontro, contato dos corpos, sendo passíveis de serem impressores. Geradores de marcas, vestígios, rastros, semelhanças e dessemelhanças. Relatam o que já não está mais presente, mas testifica sua presença.

Quando se fala de corpo, a maioria dos pensantes lembra a imagem de algo denso, pesado ou grande, mesmo sabendo que possa ter inúmeras variações de

volume e forma. Mas em relação a corpo, expando-me a tudo que existe independente de sua forma, mesmo que abstraído de nossa visualidade, como o vento.

Sendo assim se pode expandir os pensamentos em relação às possibilidades de impressão, principalmente através dos contatos entre os corpos. Onde habita a existência é possível imprimir, o que permite um encontro, um contato, uma aderência em sua superfície. O contato sendo foco no imprimir, percepção de mundo, um atravessamento permitido pelo encontro dos corpos.

O contato seria muito mais do que o toque, e sim o que poderá vir a partir dele, permite uma nova visualidade. É com simples ações que o contato permite uma impressão, sendo que o mesmo é realizado de forma inevitável, acontece naturalmente. O gesto do tocar e contatar sempre fez parte da vida de todos os seres humanos. Conforme a passagem abaixo:

O homem primitivo, no gesto de colocar a mão suja de fuligem sobre a parede, descobrira a possibilidade de projetar e reproduzir algo além de si. Nessa passagem, ele se identificou, tornando permanentes as suas marcas e as suas intervenções sobre o mundo através de gestos e ações que envolvem a transmissão das informações para o outro corpo. (BLAUTH 2005, p.37)

Marcas, atitudes que estão impregnadas no interior do ser, que por sua vez expressa sua vontade através de gestos espontâneos, transferindo e compartilhando com o mundo as manifestações que o inquietam diante do mundo que o cerca. Impressões marcam o cotidiano e se efetivam nas matérias orgânicas pela ação do tempo tornando-se evidências visíveis de vivências submersas no universo do ainda desconhecido. Segue imagem abaixo:



Figura 20 Sítio Rupestre de Nova palmeira Brasil

Imprimir é viver, marcar, gravar é sentir o mundo, se permitir manifestar o ser no universo. Gravar é manifestar a vontade e necessidade oculta de expressar e comunicar. Viver é perceber o que nos toca. Segundo Edna Nunes “o ato de gravar e imprimir constitui uma atitude do homem frente à vida” (NUNES, 2010, p. 34).

O homem sedento deste encontro de corpos, da comunicação, e expressividade acaba pelo simples fato de sua existência, realiza marcas, deixa rastros, cooperando para a desenvoltura do imprimir e do gravar. São mais que registros históricos ou apropriação de um território, faz parte da vida do ser humano. Assim sendo concordo com a seguinte passagem:

A gravação não foi um gesto do acaso. O homem sempre conviveu com a sua própria marca. Ao caminhar, o homem registra o seu caminho. Nenhum passo é perdido ou despido de significado. Por onde passa o homem deixa o seu rastro. Este é o sinal do seu peso e da rapidez do seu andar, a gravação da forma do seu pé. (ARTISTAS GRAVADORES DO BRASIL, 1984, p.7)

Quando nos permitimos, algo acontece, quando estamos atentos ao espaço ou lugar em que estamos inseridos, não somente como presentes, mas como seres

reflexivos. As reflexões mais instigantes podem ter seu ponto de partida através de uma nova abertura.

Com isso, enriquecendo os processos gráficos abordados e os conhecimentos sobre estes, transbordantes de características que nos permitam explorar os limites artísticos e adquirindo informações que nos remeta a uma maior produção de, aguçando, a sensibilidade, primeiramente através da visibilidade, ou o que ela venha a oferecer.

Quando se imprime, instantaneamente nos conectamos com o mundo, com a sua tutilidade, com seus aromas, com o que dele podemos observar e sentir. É como abrir uma porta e se permitir o encontro com o desconhecido, ou ainda não percebido, mas que se faz presente. É ter a sensação de abrir a janela ao amanhecer e sentir o sol entrar, o toque da natureza que nos cerca, seus ruídos e sensações, como a temperatura ambiente. Sinto a impressão e a gravura como elementos que fazem parte de nossas vidas, podendo estar presente em tudo que nos cerca.

Acredito que em tudo que existe possa ter possibilidade de gerar uma impressão. Um corpo que imprime pode se revelar nos mínimos detalhes, em observações cuidadosas, atentas, sempre prontas para receber diferentes informações cabíveis e condizentes com o referido processo, sendo que a imagem gerada também faz parte da memória visual do artista e daquilo com que ele está absorto “porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo, dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visível do tempo quis tocar, mas também de outros tempos suplementares”. (DIDI-Huberman, 1998).

Todo resultado de impressão ou gravura, ou uma marca, testifica o contato entre os corpos, cabe a nossa imaginação e conhecimento potencializar a imagem, o peso e a visualidade do ausente. O corpo impressão é essa dupla distância, de uma presença-ausência, de algo que esteve aí e se perdeu. É uma perda que faz do ver uma ação que escapa e parece que algo parece falta ser visto. São imagens criadas a partir de outras imagens-objetos ou seres, mas que podem ressignificar e revelar sentidos ou sensações, através de suas minúcias. A impressão quer dizer do acontecimento, é um rastro do imprimir (ROCHEFORT, 2010).

Assim sendo, não se obtém somente informações, mas transferências de um corpo para outro, como parte de sua materialidade, ou simplesmente o que este possa carregar como poeira, suor ou oleosidade da pele, ou até mesmo o que as ações naturais possam deslocar no espaço, como o vento e a chuva.

Diante dos experimentos aqui realizados, os atravessamentos desta pesquisa também se dão por meio de peculiaridades. A maioria dos elementos usados nos processos é de uso pessoal ou estão em proximidade, como o carvão usado no churrasco, os ovos campeiros e até mesmo a terra.

Procuro, em meio às minhas experimentações, ser alcançado por algo que possa ser causador de um impacto, tanto visual como conceitual. Almejo obter articulações de sentido em meio a uma linguagem artística contemporânea, observando os seus desdobramentos, e o que destes possa ser explorado para aproveitamento desta pesquisa.

Também me dedico aos gestos e ações que por si só dialogam com os processos aqui já descritos, como o deslocamento ou forças impulsionadas por ações de intempérie. “Tanto a ação de gravar quanto a de imprimir é realizada de forma construtiva; ações que se constroem que transformam a superfície, que transforma quem a recebe” (ROCHEFORT, 2010, p. 24).

Quando estou focado em minha produção prática, surgem pensamentos curiosos. Fico imaginando que imagem, cor, ou textura poderá se formar com o processo desenvolvido, e o que estes poderão acrescentar para a desenvoltura de minha poética.

Com isso, já não se espero somente realizar uma marca, deixar um rastro ou produzir um vestígio, mas a partir das incertezas e do espaço entre o fazer e a obra em si, sinto motivações que alimentam os questionamentos e as visualidades do processo abordado.

Assim, permito-me imaginar, mas não definir o trabalho. Segundo Didi-Huberman (1997, p. 50), a impressão nos força a pensar um movimento de encontro com o substrato, onde se forma a impressão, ou seja, a distância do substrato, onde se presença a impressão.

Neste trabalho são propostos métodos, dimensionando o olhar sobre a gravura e a impressão contemporânea, explorando, ou absorvendo as inúmeras possibilidades que os corpos impressores, ou os suportes, que se disponibilizam ao momento perspicaz do observador. Cada traço permite uma multiplicidade de possibilidades, de visão e entendimento.

A subjetividade permeia o gravar e o imprimir, de tal forma que o trajeto percorrido ao longo dos processos indica variações de percepções. Imprimir é contatar o mundo, tendo os sentidos além do tato e da visão. Incomensuráveis criações poderão ser absorvidas através de uma sensibilidade perceptiva do olhar.

Em suma, é plausível que todos os entes gerados e utilizados na metodologia e nos resultados foram oriundos de um amálgama complexo entre as imprevisíveis e variáveis características naturais (intempéries) e o processo criativo humano.

6 A gravura e a impressão através das diferentes ações e a involuntariedade nos processos gráficos contemporâneos

No decorrer deste trabalho tenho enfatizado sobre as marcas e texturas originadas a partir das intervenções das intempéries, e destas são analisadas as suas ações. Nestes últimos trabalhos também procuro absorver as atuações do sol. Observo o que acontece com os trabalhos que ficam expostos absorvendo o seu calor, também com o auxílio da umidade do ar e as demais ações naturais que poderão ocorrer durante os processos criativos.

Através dos dados já relatados acima é notório o desgaste natural da coloração e enfraquecimento de sua textura, independente da cor do pigmento utilizado na prática deste trabalho. Isso ocorre obviamente pelo forte calor que recai sobre o suporte entintado.

Escolhi os mesmos suportes e a mesma pigmentação na realização dos trabalhos, com o objetivo de analisar as suas mutações através das variações que eles venham a sofrer. Por exemplo, o que ficou exposto à noite sem receber o sol sofreria uma diferente intervenção meteorológica do que o que ficou exposto por 24 h ou mais, pois neste momento, levando em consideração as ações do tempo sobre o suporte, naturalmente que o desgaste climático afetará em maior ênfase o trabalho que se mantiver por maior tempo exposto.

Sendo que as intervenções no suporte serão diferenciadas, no caso do inverno há a possibilidade da impregnação do gelo (geada), também a secagem se torna mais lenta, (baixa temperatura), na primavera e outono possivelmente sejam estações mais ventosas, permitindo talvez com isso, que fragmentos sejam agregados ao suporte com maior facilidade, também o sacudir do papel poderá interferir no escorrimento e secagem do mesmo, na impregnação das ações climáticas que o verão, onde o sol e as altas temperaturas secam de maneira mais rápida a superfície entintada.

Talvez aconteça uma transformação diária de vestígios de animais aos suportes que fiquem por um período maior em exposição. Pensando nisso, busco ampliar os registros dos materiais utilizados ao longo desta investigação. Com isso

poderá se obter maiores informações sobre o que realmente acontece durante as transformações dos materiais ocasionadas pelo encontro dos corpos (intempérie e suporte entintado exposto).

Nesta ampla curiosidade, ao pensar sobre o que poderá se passar durante a realização do trabalho depara-me a refletir sobre repetir as mesmas operações em outros locais e assim observar quais seriam as informações decorrentes deste lugar: sua temperatura e o que poderia ocorrer durante as mesmas ações realizadas no pátio de minha casa.

Neste momento me vem à memória um trabalho realizado para uma disciplina (Paisagens Cotidianas e Dispositivos de Compartilhamento), pertencente ao PPGAV, Mestrado, da Universidade Federal de Pelotas, cuja proposta seria realizar um dispositivo de compartilhamento para os demais colegas, algo que fosse além de um simples objeto ou imagem. Assim realizei um trabalho de um postal, realizando da mesma metodologia já demonstrada neste texto. Seguem abaixo as imagens (Figs. 21 e 22).

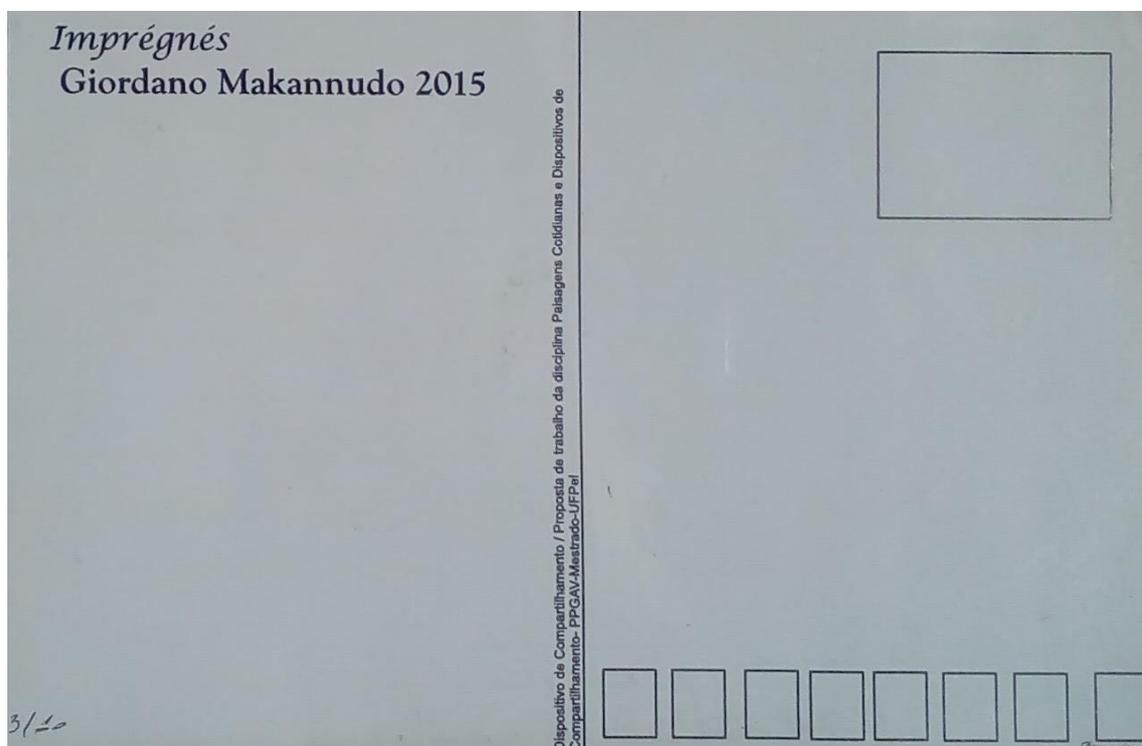


Figura 21 *Imprégnés*. Postal. Impregnação de intempérie sobre papel cartão, dimensões 10x 15 cm. Giordano Costa (Makannudo). 2015

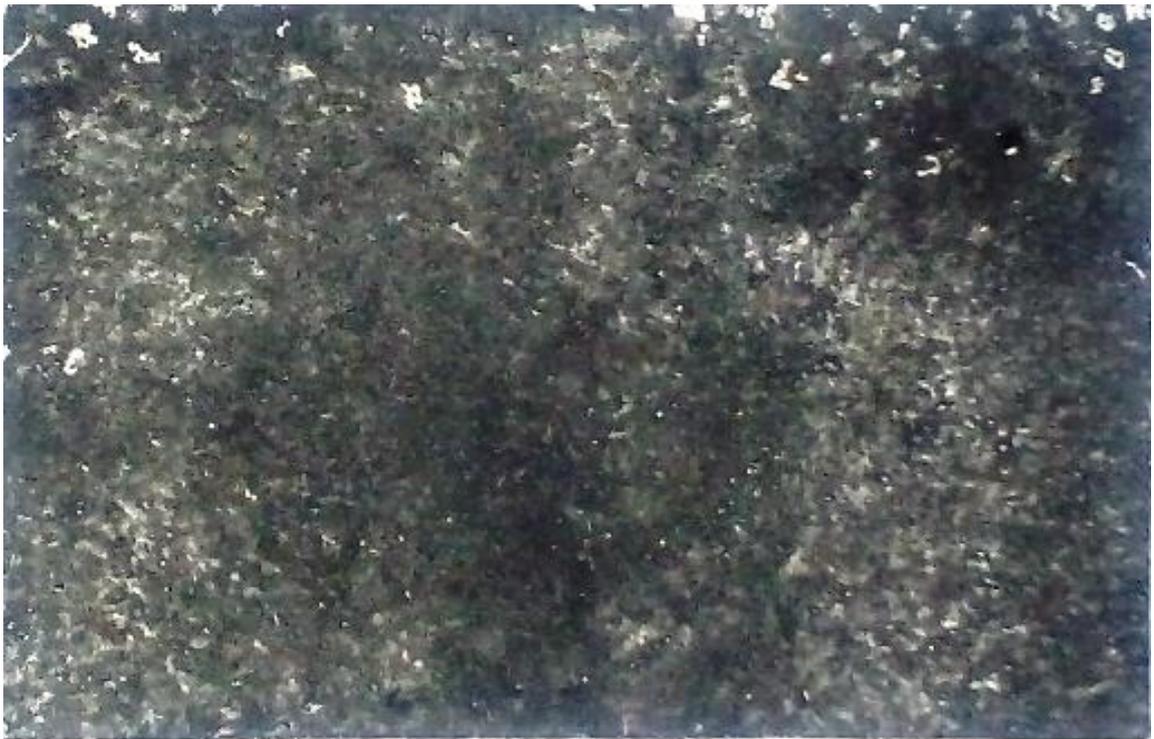


Figura 22 *Impregnés. Postal*. Impregnação de intempérie sobre papel cartão, dimensões 10x 15 cm.
Giordano Costa (Makannudo). 2015.

Com os seguintes trabalhos fico a pensar na gravura e impressão em movimento, um fragmento de espaço, (um fruto de uma ação que obtém fragmentos) que poderá interagir com outro local, sofrer das mesmas operações, ou simplesmente se deslocar.

No decorrer desta investigação percebo a importância da valorização e reconhecimento de seu próprio espaço, território, lugar, daquilo que me cerca e que de certa forma dialoga com o processo criativo, procurando sempre absorver as informações visuais e conceituais que os lugares e os materiais venham a oferecer.

O inusitado ganha ênfase, diante de olhares peculiares, sensíveis, absorvendo muitas vezes o imperceptível, que determinados processos e/ou lugares oferecem, como no caso do processo abordado neste trabalho, onde nem sempre se consegue a olho nu obter as imagens daquilo que chamo de corpo, como no caso do sereno, não se almeja uma representação do corpo, mas ele se torna perceptível no decorrer das ações das experimentações quando este se encontra com o suporte entintado, que se vê exposto pronto para receber as intempéries.

Com isso percorro algumas questões que cooperam para a desenvoltura de meu trabalho, tanto prático como teórico, onde estas instigam a trilhar por reflexões como: quais os reais desdobramentos que este trabalho permitiria diante de tais experimentações até aqui abordadas. Penso que esta questão seja mais complexa do que aparenta ser, pois talvez as respostas ocorram durante as experimentações e diante das intervenções dos fatores do ambiente local, como o que o lugar me oferece para poder realizar as práticas envolvidas nesta poética.

Quando falo em impressão, inevitavelmente sinto-me impregnado no processo criativo no qual estou envolto (o artista/pesquisador como parte do processo criativo), e trata-se de palavras marcantes e profundas que instigam a curiosidade dos trabalhos de impressão e gravura. Tento também fragmentar olhares, esmiuçar os detalhes, diante das texturas e prováveis saliências que se façam visíveis à percepção do olho nu.

. Tudo está possibilitado de produzir algo no que diz respeito aos processos gráficos. Até quando olhar sugere um processo gráfico ou está perspicaz para absorver as informações durante as práticas artísticas? Seriam estas curiosidades também molas impulsoras, desafiadoras dos métodos conhecidos, enaltecendo novas idéias para a desenvoltura desta pesquisa. As imagens permitem a demonstração de elementos que o texto muitas vezes suprime. Como exprime Gould (1993, p. 446): “as figuras não são periféricas ou apenas decorativas”.

Quando se esta disponível a interagir com o trabalho muitas vezes pode algo passar despercebido, pois muitas coisas ocorrem de forma tão natural que se torna simples ao olhar comum. Sabendo que quando se trata da natureza nas práticas artística (agente ativa e protagonista em minha poética) não se consegue compreendê-la por completo, devido às transformações espontâneas que esta venha a demonstrar.

São ações em que o suporte é o próprio corpo, corpo impressor, corpo matriz, um corpo possibilitador de gerar uma marca, uma gravura, uma impressão. Rastros, vestígios dialogam com a profundidade do olhar e o que dele possamos compreender.

Quando falo em suporte logo me lembro de que estes poderão ser das mais diversas modalidades, pois se estes como já descritos acima são os próprios corpos, e se tudo em volta é matriz pronta, permitindo assim ocasionar os encontros geradores de vestígios, impressões ou marcas.

Permite-se refletir que os suportes poderão de acordo com sua forma ou dependendo do corpo que este seja, ocasionem percepções diferenciadas, como percepção e recepção. Percepção dos fragmentos e vestígios de outros corpos através do contato entre os mesmos. Recepção no caso de um corpo não receber ou absorver, aderir os mesmos vestígios ou índices deixados pelo encontro dos corpos, devido as suas materialidades serem diferenciadas. Como por exemplo, um suporte ser mais liso ou aderente do que o outro poderá não interagir da mesma forma ao receber as ações climáticas quando estiverem expostos no varal.

Também em comparação as outras maneiras de se permitir o encontro entre dois corpos como um toque, um passo, uma marca nas mais variáveis superfícies, de calor, frio e etc. Pretendo, a partir deste momento, realizar estas análises e vivenciar as diferenciações ocorridas com as materialidades utilizadas no processo criativo realizado em minha investigação.

Com base nos relatos acima descritos analisei os encontros obtidos através de minhas experimentações artísticas. Porém entendo que as análises de diferenciações não dependem somente do corpo suporte receptor, mas também do corpo que se dá ao encontro, neste caso mais específico os corpos naturais e de sua grande maioria imperceptíveis como as ações das intempéries.

Estes fatores contribuíram para pensar a impressão como resultado destes encontros, como parte de um corpo que pode não estar mais presente, mas ocasionou por intermédio do contato um rastro, ou vestígio, um andar sobre ou sob um toque ou uma recepção, um choque ou um meio, uma ação intermediária entre o olhar e ação, entre o resultado e o processo artístico, entre o sensível e o imperceptível.

As reflexões sobre impressão podem nos levar a outros lugares, outras buscas e interpretações, novos raciocínios. A impressão pode ser potente quando

pensada, sentida e interagida em um espaço peculiar, corriqueiro, ou até mesmo desvalorizado.

Aqui reforço mais uma vez a idéia de que a gravura e a impressão podem ser realizadas em qualquer lugar sem a necessidade de um espaço convencional, como um ateliê. Quantas possibilidades de criação podem ser limitadas por não receberem atenção, um olhar mais atento (perspicaz), curioso e questionador, inquieto diante dos que se depara.

Como uma leitura onde a escrita nos provoca e remete-me a ir mais além, pelo simples fato de estarmos deparados com o óbvio, ou o comum que se torna despercebidos. A impressão é se permitir a troca, o sentir, o perceber e receber, realizar. Analisando também seriam estas possibilidades gráficas também podem ser ocasionais?

Esta investigação também se trata de um impacto subjetivo, por um lugar, a saber, o meu chão, pois dele veio-me grande parte das inspirações para a realização deste trabalho. Este afetamento provavelmente fecunde de uma paisagem rural da qual fui inserido desde minha infância.

Mas também, um motivador em minha poética, seriam frutos de uma amplitude de observações, de disposições e permissões (também de encontros, toques), de novas possibilidades, de outros lugares (todo e qualquer lugar ou espaço). Pensando também em uma desterritorialização, uma quebra de padrões que sejam pertinentes a produção artística contemporânea.

Tento esmiuçar as informações contidas nestes modos de agir, ou melhor, dizendo nestas ações, práticas artísticas. Mas como descrever o quase invisível, ou imperceptível, como o orvalho, que praticamente não se vê ao cair, mas se percebe ao solo ou diante de uma superfície que está a céu aberto?

Caminhos e trilhas, possuidoras de rastros, e visualidades capazes de inspirar o processo crítico poético, estes são os lugares por onde navego, reflito, adentro a questões que permitem-me imaginar a situação em que me encontro diante dos trabalhos aqui apresentados.

Os processos gráficos, mais especificamente as práticas e conceitos sobre a gravura e a impressão requerem algo mais do artista, existe sempre uma expectativa de ir além, além da visualidade, da materialidade, além do que se possa estar presente ou percebido.

Nesta inexaurível busca pela amplitude das questões dos processos da gravura e impressão, como o esmiuçar a marca o rastro, os vestígios e as impregnações que se originam diante de nos que reverberam a um universo de corpos, corpos impressores, corpos matrizes.

São relações entre os corpos, nem sempre palpáveis que podem se originar primeiramente através do olhar e também pela intuição perspicaz do artista, ou seja, mesmo que eu não consiga perceber todo o processo visualmente, estou impregnado a ele, posso senti-lo, imaginá-lo, interagir com e praticamente fazer parte dele.

Os trabalhos tornam-se ainda mais interessantes diante das reflexões sobre a troca, na transição de um estado para outro, como no caso do momento em que acontece um contato estando os corpos em diferentes estados de conservação e composição, duas diferentes matérias que se unem através de um encontro, neste momento qual seria a definição de corpo, seriam dois corpos em um, ou dois corpos sofrendo uma mutação simultânea que porventura geraria outro corpo?

Uma inquietude floresce, renasce, ecoa de dentro para fora, do vazio para o meio ou vice-versa, aliás, o que seria o avesso na gravura e na impressão, de onde partiria a idéia de um corpo ser impresso a partir do dentro? Uma contra forma, um negativo, uma presença-ausência, ou simplesmente um vestígio pode ser mais impactante do que o próprio corpo, pois faz parte do mesmo, ainda que este já não se faça presente, mas este meio entre o corpo e a marca fala por si, dialoga com o nosso entendimento, questiona o que se foi e o que está por vir a partir do que com o que me deparo.

São estas interferências durante o processo criativo (artístico) que me permitem ir cada vez mais alem nesta pesquisa, pois sei que por mais respostas que possa adquirir a dúvida e a experimentação agem como molas impulsoras em prol

da desenvoltura poética, elevando ainda mais os entendimentos até aqui adquiridos, sentidos e percebidos.

Basta locomover-se para proporcionar a possibilidade de se obter uma marca, visualizar índices e vestígios gerados através do movimento humano. Trata-se de um assunto corriqueiro, mas de extrema importância e condizente de modo inseparável no que diz respeito à gravura e à impressão. Quando saímos em uma viagem, pode momentaneamente se perceber as marcas geradas por intermédio da ação humana, seja ela através de veículos ou outros objetos corpos capazes de marcar.

Este assunto pode parecer por demais comuns ao simples olhar, mas também demonstra a necessidade do homem de deixar sua marca por onde ele passar, ou melhor, dizendo, a marca, o rastro, a impressão, tornam-se imprescindíveis nas ações de nosso cotidiano.

Não consigo imaginar a vida sem a marca sem receber das ações de registros involuntários, como seja talvez o mais conhecido a marca da pegada ao solo. Então como não marcar, rastros, vestígios, em um mundo que o contato acontece de forma natural, onde basta um movimento para possibilitar a origem de uma marca

A gravura e a impressão possuem a virtude de criar, transformar, acrescentar, permitir em outra forma e/ou imagem, permite que se descubram novas interpretações de linguagens através das visualidades obtidas. Podem ser instigadoras de sentidos e percepções

Ao explorar os métodos gráficos, mergulha-se em ações criadoras de novos entendimentos e curiosidades que surgem de forma natural por estar diante de situações instintivas, criadoras e questionáveis, transformando assim estes entendimentos com a amplitude das informações visuais permitidas.

Imprimir é estar aberto a surpresas, não se sabe ao certo o que irá acontecer, o inesperado e o inusitado acompanham a prática. Cada impressão é uma surpresa. Trata-se também de um caráter experimental, intuitivo, atento a dar e a receber, ou seja, uma troca, não somente de informações visuais, mas de experiências que se

desenrolam durante o trabalho, ao manejar, ouvir, tocar, ao estar presente e agir como sujeito impressor.

Cada obra tem uma relação com ambiente em que está inserida, dialoga com o espaço do qual faz parte, impregna-se, transforma-se de acordo com os acontecimentos e influências do lugar em que esta sendo produzida. Estas transformações poderão possibilitar um diálogo com o olhar e o entendimento humano, mesmo que subjetivamente, através do gesto, da participação direta do artista e da própria obra.

O contato, por sua vez, este agente resultante de uma experiência, vivência, como um simples deslocamentos, causadores da marca, vestígios e índices, seria a consequência de um encontro, podendo desta forma originar a impressão é muitas vezes mencionado ao longo deste texto pelo motivo do mesmo ser imprescindível diante das discussões aqui abordadas. Neste momento insiro ao texto uma imagem gerada por pegadas humanas em meio à larva vulcânica, originada por uma erupção na Tanzânia.



Figura 23 Pegadas de hominídeos. Laetoli, Tanzânia. Fossilizaram-se em cinzas vulcânicas. Fotografado em 1978 por Mary Laekey. Fonte: *A grande história da evolução: Na trilha dos nossos ancestrais*.

Neste momento mergulho na seguinte proposta: criar algo sem ter a visualização concreta do que está por vir, e ao mesmo tempo não focar na representação, coletando informações diante das transformações sofridas pelos trabalhos durante a sua criação. Sendo que as impressões são ocasionadas através de diversas ações, e como já enfatizado neste texto, muitas vezes estas ações são despercebidas.

Cada obra tem o diálogo com o ambiente ao qual está inserida, diante do diâmetro em que se encontra, influenciada por suas características, tanto físicas como climáticas, aspectos visuais ou materiais. Cada fator que se encontra envolto ao processo criativo poderá ter influencia nos resultados das experimentações artísticas.

Ao gotejar da chuva sobre o solo, paro a observar as marcas que nele geram através do impacto da água (contato). Às vezes tratam-se de marcas sutis, simples, aparentemente insignificantes ou corriqueiras, algumas efêmeras. Mas no solo sofre transformações a cada instante devido à chuva, a cada gota ou ao movimentar da água sobre a terra,

A chuva podendo carregar consigo a areia, pedras e outros elementos presentes no solo, possibilitando a origem de novas formas, novos questionamentos e curiosidades. Em alguns casos através deste deslocamento poderão estar presentes também pequenos seres vivos. Também é possível a percepção de sensações geradas com estas ações, como ruídos e um deslocamento de corpos (água, solo, objetos, etc.).

Quando falo sobre o impacto da chuva sobre a terra e de seu deslocar, também reflito nas ações que ocorrem após a chuva, como por exemplo, as aglomerações de água e os efeitos que dela ocorrem, como poças, que secam e formam crateras quando o solo fica seco. Podendo desta maneira, modificar a forma anterior originada pela chuva. Lavando também em consideração o mover do vento sobre a terra e a temperatura local ambiente.

Penso que as ações climáticas não podem ser registradas em sua totalidade, pois muitas coisas não somos capazes de perceber, de registrar, de refletir sobre.

As ações naturais sobressaem-se à vontade humana, são praticamente independentes, incontroláveis e poderosas.

Poderia o homem controlar o vento, as ondas do mar ou até mesmo a corrente das águas? Tudo o que temos são proximidades. Quando se busca a previsão do tempo para determinados períodos sabemos que se trata de dados científicos, mas mesmo assim poderão ser alterados de acordo com a mudança climática, da vontade da natureza.

Quando a chuva cai sobre a terra ninguém pode impedi-la, fechar as nuvens como se fosse torneiras, o que resta é abrigar-se e contemplar como será o dia após a sua vinda. Pode ser uma ação prevista, mas não em sua totalidade, sabe-se que irá chover, mas não se podem calcular especificamente quais ações e reações a chuva irá causar.

Trago a chuva como exemplo devido à amplitude que esta é capaz de atingir e propagar-se de maneira inevitável. Ela é um benefício natural não só para o homem, mas também para toda a existência.. Segue abaixo uma imagem de um registro de um desgaste natural do solo por intermédio das ações climáticas.



Figura 24 Giordano Alves. *Marcas do Tempo* Fotografia digital, 2015

Pequenos contatos, imperceptíveis índices, novas possibilidades de ver e perceber são gerados. Em grandes passos o homem trilhou pelo mundo, deslocando-se e percorrendo diferentes caminhos, usando de inúmeras vezes de seu próprio corpo como corpo impressor, corpo matriz. Isto ocorre mesmo de forma intencional ou involuntária.

Também muitas vezes o homem se apropria da marca como sinônimo de apropriação, posse. Tenho como exemplo a marca de ferro no gado, marcas em paredes e determinados lugares, a marca como identificação humana ou de uma determinada empresa, logotipos, etc.

Existem também as marcas involuntárias que o homem sofre de acordo com as ações da natureza, como marcas na própria pele através do sol. São perceptíveis quando já estão avançadas, ou quando geram manchas e queimaduras ou marcas significantes, pois ocorre de maneira natural e costumeira aos nossos olhos. Para este exemplo menciono a imagem abaixo:



Figura 25 Imperceptibilidades. Marca de relógio no pulso ocasionado pelo sol. Fotografia digital. Giordano Costa.

Assim como a marca visualizada acima, outras poderão ocorrer também por intermédio do calor solar, não somente na pele humana, que talvez seja a forma mais simples para exemplificar este fato, mas também na descolorização de elementos que ficam expostos aos raios solares e até mesmo como já mencionado na Fig.19, o desgaste do solo por corrosão.

Com este processo visto analiso as nuances originadas com as variações climáticas, as quais são protagonistas na desenvoltura de desta investigação, como a textura, impregnação e coloração do suporte após o resultado da impressão.



Figura 26 Série *Intempéries*. Impregnação de tempera ovo x corante alimentício sobre papel entintado. Trabalho exposto por 21 dias. Dimensões variáveis. Giordano Costa. 2017.

Com o decorrer deste trabalho penso em realizar um calendário com os trabalhos expostos as intempéries. Como experiência inicial, realizei um trabalho ao qual ficou exposto pelo período de 21 dias, a partir do dia 1º de janeiro deste ano, com isto poderei analisar as diferentes ações do tempo de acordo com o período em que o trabalho ficou exposto.

Todos os trabalhos estão sendo realizados no mesmo local, e com os mesmos materiais, a única diferença seria o tempo em que cada um absorve das ações do tempo. Ao analisar os resultados dos encontros propiciados através das práticas já citadas a cima acredita que as variações do vento também sejam um aspecto fundamental durante as mutações os corpos expostos.

Sendo que o vento ou até mesmo a tênue brisa, poderão acelerar ou não o processo de secagem dos materiais, alterando assim a sua textura (no caso de chuva, o vento poderá fazer com que a água atinja o suporte entintado com maior intensidade).

Os materiais escolhidos para a realização deste trabalho também foram, corante alimentício e papel vegetal, pelo motivo de transparência e fácil absorção dos mesmos, sendo que se trata no momento de trabalhos a serem comparados, como a coloração, absorção, texturas, transparências, fragmentações dos corpos e texturas.

7 Corpos sensíveis e imperceptíveis

Trilhando por um trabalho em que o suporte pode ser o próprio corpo, alguns destes se tornam mais receptivos e outros menos receptivos, todos estão sujeitos a serem explorados por intermédio dos encontros dos corpos. Ressalto que: O aperto de mão seria um encontro de corpos mais receptivos.

Corpos se dão ao encontro de maneiras mais inusitadas, são agentes impressores surpreendentes, pois não se potencializa as suas capacidades gráficas, ou até mesmo as desconhecemos. Muitas vezes corpos põem serem pensados como um novo registro que se anuncia.

Exploro também enfatizar sobre estes possíveis corpos impressores, visto que é através deles que se possibilitam os resultados das impressões aqui estudadas. Sendo que já foi defendida ao longo deste texto a idéia de que tudo em volta possa ser um corpo matriz, uma matriz pronta, possibilitando assim a realização dos processos gráficos, (gravura e impressão), mesmo que de forma involuntária. Penso que estes corpos se entrelaçam, se impregnam, anexam-se um ao outro quando se permite um encontro, ou os encontros.

Quando um corpo recebe o outro, por alguns instantes podemos pensar que não são mais dois, e sim um, através da absorção das intempéries pelos materiais expostos. Imagino a viagem dos corpos pelo espaço até o momento de sua chegada, de sua permissão de contato. Provavelmente já teria anteriormente se permitido ao encontro com outros corpos através de sua viagem pelo local em que está inserido, e/ou do universo, espaço, transcorrendo atmosferas e diferentes climas até chegar ao seu destino, ou ponto de encontro.

Acredito que tudo que se permita a um encontro sofra uma transformação, por intermédio da ação direta de um corpo que contata a outro, permitindo assim uma nova viagem em meio à prática artística. “Os corpos que se encontraram foram afetados mutuamente e lançados a novos lugares” (ANCELMO, 2007, p.56). São novos corpos, permissíveis, transformados pelo encontro, anexados, talvez indefinidos em simples palavras.

Com os acontecimentos gráficos, mesmo os que são imperceptíveis, se agregam novas percepções, outras formas de produzir sentido através da produção artística contemporânea, são outros modos de ver os processos de uma gravura e impressão.

São práticas que revigoram e potencializam a produção e reflexão sobre a arte contemporânea. Muitas vezes estas ações ocorrem em uma construção peculiar, dependendo do olhar e da experiência do artista, nisso segue o seguinte trecho:

A linguagem da gravura é peculiar na sua dimensão construtiva, ou seja, em seu modo de produzir imagens, os quais exigem a presença e o contato de dois corpos. Como uma coleta, um decalque de um corpo, uma superfície, as imagens gráficas são pensadas como traços, vestígios da experiência. Pensamos na atualização da memória, ou seja, na atualização da experiência na forma de impressão, enquanto marca transferida e enquanto marca particularizada na experiência de cada um, ao fazer e ao olhar. (GUEDES, POHLMANN, ROCHEFORT, RODRIGUES, 2013).

Precisamos e estamos sempre atentos a novas possibilidades, sedentos também a perceber o que a natureza ou as ações cotidianas nos oferecem no que diz respeito à produção gráfica. Estes corpos que originam ações construtivas, procedimentos táteis, alguns destes instintivos.

Toda ação gráfica possui a virtude de possibilitar alterações na forma natural de um corpo, seja este um corpo passivo de impressão. Corpos se misturam se miscigenam, e com isso alteram seu estado natural. Podem através de um encontro tornar-se um só corpo, ou mais de um.

Quando se visualiza uma marca ao solo, por exemplo, esta alterou a forma original daquele lugar específico, sendo que isso poderá ter ocorrido inúmeras vezes sem o nosso conhecimento. Outro exemplo também pode ser citado como a imagem da Fig. 20, da marca do relógio sobre o pulso.

Na gravura e impressão se permite pensar tanto o fora como o avesso, questionando a forma natural e a materialidade dos corpos, suas transformações e acontecimentos (troca de informações por meio de contato), durante o processo gráfico.

Pensando novamente em que tudo em torno é matriz pronta, não se teria necessariamente a definição de dentro e fora. É possível também que se perca um pouco a noção de distância. O que seria o avesso de dois corpos que se impregnam se transformam, anexa-se através do contato, em uma ação quase que imperceptível? O negativo, a contra forma, a presença- ausências poderiam relatar o que seria o avesso, o dentro e o fora?

O corpo impressor e o corpo matriz podem estar muito próximos ou ocupar o mesmo espaço gráfico, onde estes permitam ir ao encontro, pois o corpo se permite ao deslocamento, ao desdobramento, é muitas vezes variável, flexível, permite-se a novas aberturas, como coloca Anselmo:

O corpo não é um território fechado, estático, pronto. Ele é aberto a mudanças e, portanto, sempre em movimento. Neste sentido, o corpo não é tido mais como uma barreira, mas sim, como um veículo adequado para a liberdade de expressão. É através dele que o conhecimento é assimilado e nele ficam impregnadas nossas vivências e experiências. (ANCELMO, 2007, p.64)

Vimos com isso que os corpos se permitem sofrer transformações durante é pós o processo refere-me ao contato da intempérie com o suporte entintado exposto, que de imediato sofre uma ação e após isso segue em constante transformação, de absorção do ar, sereno, intempérie e demais vestígios e impregnações que o processo venha a oferecer.

Também é através do corpo que se impregnam as nossas vivências durante a produção gráfica, como exemplo comum disso é a marca de nossa impressão digital, que mesmo que imperceptivelmente se faz presente na maioria dos objetos que nos pertencem.

A pegada ao solo talvez seja o exemplo mais comum e conhecido em meio às discussões de marca, gravura e impressão, por se permitir a sua visualidade em qualquer lugar em que se permita um deslocamento de um ser vivo ou algo por intermédio dele. Ou seja, basta existir um corpo para que haja uma possibilidade de impressão. Neste momento lembro-me da seguinte passagem de Didi-Huberman:

Podemos também pensar na aplicação dos dedos, mãos ou moldes, antropométricos ou em movimento, traços do chão, queimaduras, corrosões, pulverizações em torno de um corpo que se retirando, deixa visível sua impressão negativa ou sua impressão de ausência. (DIDI-HUBERMAN, 1997).

Podemos detalhar mais sobre este trecho, onde o artista Andy Goldsworth realiza uma marca, ou seja, um negativo de seu próprio corpo, fazendo o uso da chuva. Andy fica exposto a receber da chuva por alguns instantes, o suficiente para que o seu corpo fique moldado sobre o solo.

Um simples processo que parece ser tão comum, mas está inserido em uma prática artística que não necessita obrigatoriamente de um ateliê, pois o trabalho é realizado em meio à rua, na grama, ao receber da intempérie, (neste caso a chuva) que por si protagonizou a obra,

Goldsworth decola em uma busca pelo incomum, confronta o fazer tradicional, o que está pronto ou desgastado pelo comodismo artístico. É um trabalho que desacomoda, desconforta, insere a provocar praticar, capaz de inexaurir questionamentos sobre os processos artísticos contemporâneos. Despreocupa-se com o espaço, pois o próprio faz parte da obra.

É corpo matriz, corpo impressor, corpo /obra, corpo/artista. Corpo que se permite ao encontro de outro corpo, e sem saber a definição exata da forma a ser realizada. A imagem abaixo demonstra com maior clareza o que já foi relatado acima.



Figura 27 Uma imagem de uma série “Started to rain, laid down, waited, left a dry shadow”. Haarlemrhout, Holanda, 29/08/1984. Fonte: FERREIRA. 2006.

Percebo que no decorrer destes 24 meses de profunda investigação diferentes modos de pensar a gravura e a impressão na arte contemporânea foram abordados. Isso permite que continue ainda mais constante nesta árdua trajetória de artista pesquisador. Várias experiências foram realizadas até que se pudessem atingir resultados pertinentes aos objetivos desta pesquisa.

No início deste trabalho procurei compreender como se dava a gravura e a impressão fora do ateliê de gravura, e como complexificar as maneiras de observar e praticar os métodos gráficos tradicionais, produzindo obras condizentes com a arte contemporânea.

No entanto, durante as práticas aqui desenvolvidas inovaram-se outras reflexões, surgindo diferentes dúvidas que também contribuíram para ao desenvolvimento desta dissertação.

Tudo que ocorreu até o presente momento foi de extrema importância na fomentação de busca por resultados e experimentações sobre os processos gráficos, até mesmo o modo de apresentação (exposição) dos trabalhos, a sensibilidade do olhar e do sentir, mesmo que o trabalho ainda não estivesse concluído.

Foram meses de incansáveis dúvidas e questionamentos que pareciam infinitos, mas tudo isso somou para que o trabalho viesse a ter desenvoltura. Em certos momentos dúvida poderá apoiar o fazer, assim como o vento direciona o navegador.

No oceano da possibilidade sou como um barco que corta as profundas águas, impulsionado pela vontade e alimentado pela incerteza do que está por vir. Mas essa incerteza de resultados que a gravura e a impressão permitem são decorrentes do fato de que não podemos defini-las, fechá-las ou simplesmente dizer que o trabalho está acabado.

8 Conclusão

Durante o caminho até aqui percorrido tenho adquirido maior experiência e maturidade, tanto em relação aos questionamentos abordados neste texto, como em meu cotidiano, pois este está absorto em meu corpo de idéias e nas visualidades referentes aos conceitos relacionados à gravura e à impressão.

Enfatizo cada vez mais a potencialidade do contato entre os corpos e o que disso poderá resultar. Corpos se permitem ao encontro momentaneamente, a cada instante. Um único corpo poderá sofrer ações que propiciem diferentes modos de pensar os processos gráficos.

Tudo que nos cerca poderá ser pensado como matriz pronta, um corpo possibilitador de um processo gráfico. Corpos matrizes, impressores, corpos existentes em um universo de possibilidades. Um campo aberto na busca de frutos da produção artística. Tudo que pode transferir poderá ser pensado como agente ativo e promissor.

É nesta inquietude que as ações gráficas permitem que me sinta instigado a cada dia não somente a retomar por caminhos que me propuseram e permitiram uma maior amplitude e desenvoltura nesta investigação, mas também a continuar esta árdua caminhada de artista-pesquisador. Encontro-me sedento por situações que permitam outras experiências.

É notório que minha sensibilidade poética em relação à marca, ao rastro e ao vestígio também se dá por intermédio da vivência em uma paisagem rural, pelo fato de morar em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul. Um local privilegiado pelas sugestões e possibilidades de se visualizar o simples, o imperceptível, ao mesmo tempo rústico, mas sensível.

A gravura e a impressão permitem que as incertezas obtidas durante os processos criativos provoquem este incontrolável desejo pela continuidade das atividades. Tenho a intempérie como base e agente protagonista neste trabalho, sendo esta, de muitas formas, imprevisível.

Referências

ANCELMO, Ozenir. **O Terceiro Corpo: Um diálogo entre a vestimenta e o corpo.** 2007. 86 fl. Dissertação. (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes Universidade de Campinas. SP

ARTISTAS GRAVADORES DO BRASIL. **Brazilian engravers, grafische kuenstler brasiliens.** São Paulo: Volkswagen do Brasil, 1984. Catálogo de exposição.

BACHARELARD, Gaston. **O direito de sonhar.** Rio de Janeiro, 1991

BALTAR, Brígida. **Catálogo da exposição** realizada na Galeria Nara Roesler. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.nararoesler.com.br/artists/34-brgida-baltar>>. Acesso em 25 nov. 2015

BERNARDES, Maria Helena. **Vaga em campo de rejeito.** Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda. São Paulo, 2003.

BIANCHI, Marilda. **Arte e meio ambiente nas Poéticas Contemporâneas.** 2012. 78 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade Federal de São Paulo. 2012

BLAUTH, Ludi. **Marcas, passagens e condensações: (des) encaminhamentos de um processo de gravura.** 2005. 246 f. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais). PPGAV- Instituto de Artes Visuais. Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BUTI, Marco. **A gravação como processo de pensamento.** Revista USP, São Paulo (29) : 107 - 112, Março/Maio.1996

DAWKINS, Richard. **A grande história da evolução: Na trilha dos nossos ancestrais.** São Paulo. Companhia das Letras. 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **L' Empreinte.** Paris: [s.n.], 1997. Catálogo de exposição, 19 fev. - 19 mai. 1997 Centre G. Pompidou. Pompidou – Paris – 1997. FRANCA, Patrícia (Adapt. Trad.). *L'Empreinte* - Parte I e II. [s/l: s.n., 2000] Inédito. Adaptação em português do original francês, 2000.

GOULD, Stephen Jay. **Dedo mindinho e seus vizinhos: ensaios de história natural.** São Paulo.

Editora: Companhia das Letras. 1991. HOUAISS, Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2008.

KANAAN, Helena. **Efeitos de Superfície. Peles em anamorfose.** In: GALLI, Tânia, BEDIN, Luciano (orgs.). *Vidas do fora.* Porto Alegre: Edufrgs, 2009.

MENDIETA, Ana. Disponível em <<https://transpersonalspirit.wordpress.com/2013/04/08/visionary-works-of-ana-mendieta/>> Acesso em novembro de 2015

NUNES, Edina Mara de Moura. **Desdobramentos da Impressão na Arte Contemporânea**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

POHLMANN, Angela Raffin. **Pontos de passagem: o tempo no processo de criação**. 2005. 252 f. Tese de doutorado (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

_____.O Método Como Passagem: Desvios, Saídas e Aberturas a Outros Caminhos no Ensino da Arte- UFPel. In: **Anais da ANPED - GE-01: Educação e Arte**. Caxambu, MG, 2008.

ROCHEFORT, Carolina Corrêa. **A marca corporal como registro de existência e a pele como superfície de experiência: o contato como paradigma para as imagens impressas do corpo**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) –PPGAV- Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ROCHEFORT, Carolina Corrêa; RODRIGUES, Leandro Silveira; GUEDES, Thiago Costa; POHLMANN, Angela Raffin. Gravura no Campo Ampliado: Por uma percepção anacrônica dos procedimentos na gravura contemporânea. In: **22° ENCONTRO NACIONAL, ANPAP, 2013**, Belém, Pará.p.2598-2609.

ROLIN, Carla Giovana.. **Tunga, Brígida Baltar e Rosana Palasyan. Movimento e Fenomeno – A Herança Neoconcreta**. Revista Revista Ohun, ano 4, n. 4, p.160-187, dez 2008.

SOS SÍTIO RUPESTRE NOVA PALMEIRA. Disponível em <<http://sitorupestre-novapalmeira.blogspot.com>> Acesso em 25 nov. 2015.